

Artesanato e Turismo: Artesanato, valorização e desenvolvimento

SANDRA CRISTINA ALVES LUÍS * [sandra.luis2012@gmail.com]

LUÍS MOTA FIGUEIRA ** [lmota@ipt.pt]

Palavras-chave | Artesanato tradicional, valorização, turismo, desenvolvimento e economia

Objetivos | A investigação pretende focar a importância do património tangível e intangível do artesanato português na sua dimensão turístico-cultural; são eixos de pesquisa a valorização, a integração no turismo, a importância económica, a relevância do seu desenvolvimento para os territórios e a visibilidade do setor na cadeia de valor no turismo. Este estudo, resulta de um projeto mais alargado de parceria entre uma Unidade Produtiva Artesanal e a Academia, respetivamente a Escola Superior de Gestão de Tomar, o L-Tour.ipt e o Laboratório de Turismo do Instituto Politécnico de Tomar analisando, no terreno, a perceção dos artesãos dos concelhos de Mação, Sertã, Vila de Rei e Oleiros que sustentarão propostas estratégicas orientadas à qualificação e melhoria da comunicação e comercialização dos produtos artesanais considerados.

Metodologia | A escolha do tema Artesanato e Turismo e do objeto de estudo “*Relação do Artesanato com o Turismo: valorização e desenvolvimento*” seguido da revisão de literatura permitiu perceber a escassez de estudos sobre esta relação. Colocadas hipóteses de trabalho, a via que se seguiu será desenvolvida em 4 etapas: Abordagem aos conceitos e à relação Artesanato e Turismo; Mapeamento da zona de trabalho; Recolha e tratamento de dados e Utilização do novo conhecimento adquirido (edição de ebook e de oficinas “Artesanato e Turismo” entre a Autoria e o L-tour.ipt).

Principais resultados e contributos | Partiu-se da abordagem do artesanato na sua condição patrimonial, tangível e intangível e na sua relação com o turismo para criar mais conhecimento sobre um território definido. Mais tarde, fez-se o historial do artesanato da Idade Média à Contemporaneidade; depois questionou-se o estatuto do trabalho artesanal e o contexto do mesmo após a mecanização da produção e refletiu-se sobre a componente antropológico-social que envolve a identidade artesanal-cultural dos destinos turísticos.

* **Licenciada em Gestão de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional** pelo Instituto Politécnico de Tomar e **Mestre em Gestão de Empresas** pelo ISCTE-INDEG

** **Pós-Doutorado em Turismo** pela Universidade de Aveiro. **Doutor em História de Arte** pela Universidade de Coimbra. **Professor coordenador** no Instituto Politécnico de Tomar. **Membro** da unidade de Investigação Geociências – UC e GOVOPP-UA. **Diretor** do L-tour.ipt (Laboratório de Turismo)

Pretende-se mostrar que o artesanato tradicional ao ser incorporado no produto turístico adquire outra função e, nessa evolução face à pressão turística pode perder parte da identidade mais profunda e, por isso, cria uma nova identidade.

Demonstra-se, também neste trabalho, que o desenvolvimento do setor artesanal em termos científicos e tecnológicos integra a cadeia de valor do turismo, acompanhando a sua evolução.

Por outro lado, pretende-se testar hipóteses de trabalho partindo de um inquérito de conjunto de hipóteses/alternativas para auscultar os Artesãos dos concelhos de Mação, Sertã, Vila de Rei e Oleiros onde se pretende objetivar e perceber os níveis de satisfação individual e de grupo e o seu papel na qualificação turística dos territórios (respondendo certamente a necessidades de investigação/ação orientada aos municípios e entidades regionais de turismo, bem como entidades e empresas do setor privado). Os dados esperados assumem-se associados a instrumentos de valorização da oferta que necessita estruturar-se em função das variáveis da procura turística.

Contextualização teórica do artesanato em Portugal | O artesanato surge com a evolução do homem. Como nos relembra os autores:

"O artesanato é o depositário da memória gestual e tecnológica da sua comunidade. O artesão-artífice-artista é o transmissor de ritos e imagens da cultura não-escrita, da cultura cujas raízes mergulham no inconsciente coletivo, por vezes nas zonas mais cinzentas da formação da humanidade, em que a mão-instrumento-ferramenta define o humano"(Perdigão & Calvet, 2013:6 apud Cláudio Torres).

Assim, o artesanato demonstra, com grande evidência, as perceções que cada sociedade, desde a Grega e Romana, até à Medieval e Renascentista; Barroca e Contemporânea e a mais recente Sociedade do Conhecimento e das tecnologias digitais (que cria, consome, protege, identifica, projeta, identifica e apresenta o artesanato). No passado a valorização do trabalho artesanal devia-se à presença de grupos de artesãos na construção das cidades renascidas. O artesanato tem um espaço próprio¹, o corte epistemológico e social do Renascimento (passagem da cultura teocêntrica para a cultura antropocêntrica) moldou, naturalmente, a separação entre o artesão (repetidor do mesmo modelo) e o artista (criador e proponente de novos modelos estéticos); já com a Revolução Industrial o artesanato sofre alterações e tem um papel secundário na sociedade; após a I Guerra Mundial o artesanato responde a nichos de mercado deixados sem resposta pela produção industrial e a partir dos anos 70 do séc. XX reaparece a atividade artesanal na recuperação e conservação patrimonial².

Em Portugal, o período da década de 80/90 marca um ponto de viragem no artesanato: ele é reconhecido enquanto setor de atividade económica e alvo de atenção das políticas públicas. O Programa Promoção dos Ofícios e Microempresas Artesanais (PPART) de 1997 é disso exemplo³. Em 1990 a Comissão das Comunidades Europeias particulariza as empresas artesanais e nos últimos trinta anos observam-se mudanças ao nível da formação e da aprendizagem artesanal sendo o Centro de Formação Profissional do Artesanato (CEARTE)⁴, de 1986, em protocolo com o IEFP o fulcro destas mudanças. As Unidades de Produção Artesanais são reguladas pela Portaria nº 1193/2003 de 13 de Outubro e fundamentam-se no Registo Nacional do Artesanato.

¹<https://sites.google.com/site/onossoportugaliscap/artesanato-de-portugal/historia-do-artesanato>

²Dados Recolhidos na Enciclopédia Verbo Luso Brasileira de Cultura,1998, pp 516-523

³www.iefp.pt

⁴<http://www.cearte.pt/>

Para Rocha e Mendes (2015)⁵ o estatuto do artesanato contribui para uma adequada definição e ajustamento das políticas de incentivo e de discriminação positiva para o setor. Este reconhecimento significa nova esperança para muitos artesãos e para o turismo também. Neste sentido, é necessário ter em conta a estratégia de qualificação geral do país de que o RIS3 e a gestão inteligente dos territórios é parte significativa da estratégia europeia e nacional (Europa 2020 e Portugal 2020). Deve ser ainda salientado O Decreto-Lei n.º 122/2015, referente ao Programa de Promoção das Artes e Ofícios, que define um conjunto de modalidades de apoio no âmbito das atividades artesanais e das várias tipologias de artesanato: artesanato tradicional; contemporâneo e urbano. Nesta lógica, a Célula de Animação da Rede Portuguesa – Ligação Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural (LEADER II, 2003)⁶, considera o artesanato elemento-chave no desenvolvimento local assumindo as funções: produtiva utilitária, estética decorativa, cultural, patrimonial, simbólica, social, recreativa, pedagógica e ambiental e de sustentabilidade. Por isso, a certificação determina garantias de qualidade e autenticidade da produção, bem como uma relação interpessoal com o consumidor, neste sentido, o Sistema Nacional de Qualificação e Certificação de Produções Artesanais Tradicionais é reconhecido pelo Decreto-Lei n.º 121/2015, de 30 de junho. A valorização do conhecimento científico e tecnológico por parte de entidades e sistemas, potencia programas como o LEADER e o Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC)⁷, pp15-243; deste modo, os artesãos criam patrimónios e fixam materialmente o gesto e o saber-fazer no seu território, construindo vivências de pessoas e de civilizações (Costa, 2016)⁸. Portugal possui um património rico na área do artesanato e a tradição alia-se a novas tendências, nacionais e europeias, modernizando-se. Segundo a Artista plástica Joana Vasconcelos:

"Os artesãos portugueses são a minha melhor fonte de inspiração...interessadíssima nas potencialidades desta fibra vegetal que cresce espontaneamente na margem dos rios, vim aprender com os mestres, olhar e trabalhar o bunho, esta arte centenária. O nosso país está vivo. Tem muita qualidade, muita excelência que não deve desaparecer. Devemos cuidá-la, trabalhar com ela e continuar a manter essas tradições e essas técnicas vivas".⁹

Tendo em conta tudo o que foi referido, a cultura está animada por um lado pelo seu consumo e por outro pela participação das pessoas, aspeto que subscrevemos.

Valorização do artesanato e fomento territorial do turismo | O momento atual de globalização económica é propício à descoberta de muitos lugares mercê do uso das novas tecnologias. Isto é facilmente observado na seguinte citação:

"Numa época de cultura massificada e globalizada, as singularidades locais, traduzidas pelas artes tradicionais, têm um papel de diferenciação cultural cada vez mais relevante, que importa não só manter, mas acentuar. Em torno de uma tradição cria-se e desenvolve-se todo um conjunto de práticas sociais e de conteúdos simbólicos, verdadeiras âncoras de uma maneira particular de ver e de estar no mundo. Tradição é a memória coletiva que reforça a apropriação individual dessas referências"(Fernandes, 2010: 11 apud Ramos, 2008).

⁵Artes e Ofícios Portugueses – "caminhos de inovação" - IEF 2015

⁶Célula de Animação da Rede Portuguesa Leader II, Artesanato e Desenvolvimento Rural, Célula de Animação da Rede Portuguesa Leader II, Lisboa (2003), Caderno temático nº14

⁷<https://www.portugal2020.pt/Porta12020>

⁸<https://www.facebook.com/groups/invotur/> - O Património é base do Turismo do futuro/Gerir E Liderar (15/04/2016)

⁹<http://www.cmsantarem.pt/pracapublica/noticias/Paginas/BunhoinspiranovaesculturadaartistaJoanaVasconcelos.aspx> (01.10.2016)

O artesanato faz parte da nossa cultura e integra a expressão de ideias. A criatividade, essencial para a qualificação dos destinos turísticos pressupõe a existência de oferta artística e artesanal, assim, a organização de trabalho numa oficina artesanal tem uma característica única propícia a processos de cocriação de experiências turísticas, deste modo, as atividades artesanais criam emprego, valorizam pessoas e economias locais. Há várias constatações sobre este potencial. Segundo (Barros, 2006:16):

"O artesanato tradicional exprime um valioso património cultural acumulado por um artesão ou comunidade, ao lidar com técnicas tradicionais transmitidas, muitas vezes, de geração em geração, e com matéria-prima regional. Por isso, o artesanato é um dos grandes meios de identificação cultural de uma comunidade."

Partindo desta ideia, a autenticidade é algo real, original, inato, único, garantia de que o produto ou serviço não foi alvo de mutações externas ao longo do processo. O artesanato tradicional pode posicionar-se no mercado atuando criativamente, conforme o artigo nº6 do Decreto-Lei nº 41/2001, de 9 de Fevereiro. Deste modo, desde 1991 a CEARTE trata esta temática da Gestão e Marketing, Design e Qualidade; os artesãos recebem formação sobre inovação e design, imagem, apresentação e publicidade do produto Rocha e Mendes, (2015).

É de ter em conta que preservar não significa fixar ou estagnar, porque se deve acompanhar os tempos; neste sentido, a estratégia Europa 2020 dá primazia à investigação científica e tecnológica e à inovação. A filigrana, as porcelanas, o calçado, com um design mais sofisticado, são casos em que o marketing e práticas organizacionais mais avançadas, surtiram efeito¹⁰.

O Turismo e o Artesanato | O turismo incentiva o interesse pelo setor do artesanato, que também qualifica os destinos, porque ele revela a riqueza histórico-cultural e ajuda a modelar a imagem interna e externa¹¹. O turismo de experiências valoriza o património cultural e regional; assim, a autenticidade vive do respeito pela herança de um determinado espaço e tempo; o autêntico permite a identificação e reposicionamento das relações sociais. Para que o produto turístico adquira um nível de qualidade e sustentabilidade admissível é crítica a integração e qualificação dos diferentes elementos da oferta turística. A mobilização do capital territorial feito através do Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos (PROVERE), potencia iniciativas públicas e privadas¹². Neste contexto, a integração das atividades culturais fundamenta-se na motivação à estruturação turística regional.

¹⁰<https://www.portugal2020.pt/Porta12020>, pp15-16

¹¹IQF - Instituto para a Qualidade na Formação, (2005), O Turismo em Portugal, Lisboa, Coleção Estudos Sectoriais nº 22

¹²<https://www.portugal2020.pt/Porta12020>, pp 15-96



Fonte: Elaboração própria – 20.10.2016

Figura 1 | Experiência turística no domínio da cultura e do artesanato: da imagem percebida à realidade vivida

Como se poderá observar nesta figura, a imagem percebida é enriquecida com a imagem vivida e o artesanato pode contribuir para essa experiência do turista num território concreto.

Importância económica do artesanato | O Sistema de Contas Nacionais (SCN, 2008), obedece a um protocolo internacional formado por diferentes categorias, no qual é possível estimar a produção, o consumo, o investimento e outras variáveis económicas relacionadas. O artesanato é uma indústria caseira e no início dos anos oitenta a sua preservação ganha mais importância nas políticas públicas; em 1990 a Comissão das Comunidades Europeias revela no quadro da política Comunitária uma atenção particular para as empresas artesanais e as suas especificidades são tidas em conta. A atividade artesanal tem sobrevivido, mas precisa de mais investigação e ação; para este efeito, o IEFP apoia a promoção, divulgação e comercialização da produção artesanal, evidenciando-se a Feira Internacional do Artesanato (FIA) e a Feira de Artesanato Nacional de Vila do Conde¹³. Em 2011, mais de metade do PIB total português centrava-se nas zonas de Lisboa e Porto com 41,5%, no território continental 2,1%. De acordo com o contexto demográfico, económico e social, o modelo de desenvolvimento português não se revelou capaz de proporcionar um processo de convergência regional do PIB *per capita* (PIBpc)¹⁴. Tendo em conta estes dados, conclui-se que é necessária uma mudança.

A proposta e seus fundamentos | O empobrecimento de vários segmentos deste setor é notório. O potencial de sobrevivência dos Artesãos que se encontram em aldeias da Sub-região NUTIII do Médio Tejo, Centro do país (concelhos: Abrantes, Alcanena, Constância, Entroncamento, Ferreira do Zêzere, Mação, Ourém, Sardoal, Sertã, Tomar, Torres Novas, Vila de Rei, Vila Nova da Barquinha) é, todavia, enorme¹⁵. Este território intermunicipal possui riqueza de fauna e flora associadas a uma diversidade de património como: o Santuário de Fátima, o Convento de Cristo, o Parque de Escultura Contemporânea Almourol e seis castelos (Abrantes, Almourol, Ourém, Tomar, Torres Novas e Sertã), Capelas, Igrejas, Museus, Pontes, Grutas, Arqueologia, Paleontologia, Miradouros, Pelourinho, Jardins, Percursos, Rotas, Rios, Gastronomia, Vinhos e Artesanato. Todavia, os concelhos de Mação, Sertã, Vila de Rei e Oleiros,

¹³www.iefp.pt

¹⁴<https://www.portugal2020.pt/Portal2020>, pp 15-78

¹⁵<http://www.mediotejo.pt/index.php/medio-tejo/a-regiao/100-pt/medio-tejo>

caracterizam-se pelo decréscimo de habitantes, pela queda acentuada da taxa de natalidade e envelhecimento gradual e pela escassez de recursos humanos (nomeadamente nas aldeias, muitos jovens migram para centros urbanos ou para o exterior), deste modo, o património e a cultura, nomeadamente contemporânea, sofrem perdas. Assim, é urgente elaborar-se uma estratégia partilhada para o desenvolvimento do artesanato e do território em parceria com centros científicos e tecnológicos, criando diferença, inovação, eficiência e ecologia, elementos fundamentais para atrair mais visitantes, nomeadamente turistas.

A abordagem territorial a seguir | Sob o foco experimental orientado para os 4 municípios pretende-se uma abordagem «*bottom up*», ou seja, abordar os protagonistas do artesanato e os residentes da base para o topo, através da técnica de questionário, destinado a saber quais são e que contributos dão ao turismo, distribuindo-os deste modo:

Mação – Artesãos que produzem Brinquedos de Madeira e outros artefactos;

Sertã – Artesãos que produzem almotolias e outros utensílios de latoaria;

Vila de Rei - Artesãos que produzem cestos e outros utensílios em cestaria;

Oleiros – Artesãs Tecedeiras e tipologias de peças.

Apesar do concelho de Oleiros não integrar a sub-região do Médio Tejo, é mencionado neste estudo porque surgiu na aldeia do Vale do Souto o projeto piloto “*Tear da Terra*”, empresa que faz parte da parceria estratégica com o L-Tour.ipt (Laboratório de Turismo do Instituto Politécnico de Tomar) que está em processo de formalização. A empresa “*Tear da Terra*” dá continuidade à arte de tecer o linho manualmente, exercida pela Dona Carmina, há cinquenta e oito anos. No projeto preserva-se e valoriza-se a técnica tradicional de tecer o linho, incorporando a inovação em peças tradicionais através de novo design e novos artigos com outras finalidades, enquadradas na atualidade (variadas peças personalizadas para a casa, acessórios de moda, roupa, artigos decorativos e outras). Regista-se um leque de produtos direcionados para o turismo, já com um número considerável de vendas no Hotel Convento da Sertã, a turistas ingleses, brasileiros e portugueses. Este artesanato vende-se também noutras localidades nos concelhos da Sertã e Oleiros; o “*Tear da Terra*” marcou presença também em feiras nomeadamente na FIA 2016 e está presente na rede social Facebook.

Esta primeira abordagem a esta realidade e centrada no empoderamento dos atores territoriais, será monitorizada e avaliada aquando da realização dos inquéritos de modo a, simultaneamente, se recolherem depoimentos dos Artesãos bem como agentes das Comunidades locais a contactar e se organizarem oficinas de esclarecimento sobre o projeto “*Artesanato, valorização e desenvolvimento*”.

Limitações do estudo | O estudo “*Artesanato, valorização e desenvolvimento*” abrange áreas de estudo e vertentes de exploração que, como se verificou ao longo da revisão de literatura, a escassez de estudos sobre esta temática é notória. Apesar de termos conhecimento empírico da área, não foram ainda realizados inquéritos em número suficiente e com rigor científico necessário para formular hipóteses com consistência. Apesar das limitações, o conhecimento noutras pontos que temos da área, permite afirmar que este texto abre novas perspetivas sobre o que estamos a realizar, servindo-lhe de base. Existe um longo caminho a desbravar, com temas relacionados e subtemas que poderiam ser abordados. Tópicos

relevantes a investigar em termos teóricos e práticos como; a análise entre a imagem apercebida e a realidade vivida pelo turista em relação ao artesanato; a relação artesão, turista e população; participação do artesanato no PIB e internacionalização do artesanato e turismo, entre outros, agora não abordados, poderão ser mais aprofundados em investigações futuras.

Conclusões | A cultura turística de um território é fator relevante na sociedade digital. Com o presente estudo pretende-se objetivar a primeira fase de um processo em sede do INVTUR2017. Sendo a co-criação uma base de desenvolvimento proposto neste encontro será possível observar como a aceitação desta proposta valida, ou não, um domínio ainda pouco estudado, nomeadamente na sub-região do Médio Tejo, pertencente à Região Centro e à Entidade Regional de Turismo do Centro. Nesta lógica, a prestação de serviço público é, igualmente, um dos focos desta proposta e do seu significado em termos da concretização perseguida pelos autores. Salientado que segundo (Rocha, 2016), a projeção do artesanato para 2020 é de evolução, com a entrada de novos atores nas áreas de produção e criação artística, design, gestão e novas tecnologias. Dando relevo ao design e inovação no artesanato como uma necessidade e oportunidade, é crucial intervir neste setor, por forma a desenvolver e fixar a população nos meios rurais, mantendo a sua identidade e autenticidade, mas ao mesmo tempo proporcionando alternativas enquadradas nos tempos atuais quer a nível do artesanato como do turismo, para tal é importante que surja uma rede de trabalhos entre estas, entidades públicas, instituições científicas e tecnológicas.

References |

- Cunha, M. (2014). "Autenticidade e qualidade: modos significativos de desenvolvimento e atração turística". *Journal of Tourism and Development* (Revista Turismo & Desenvolvimento), (21/22(3), 363-372. ISSN 1645.9261.
- Fazenda, N., Silva, S. & Costa, C. (2008). "Política e planeamento turístico à escala regional o caso da agenda regional de turismo para o norte de Portugal", 77-100. JEL Codes: R58, R11, O21.
- Fernandes, M. (2010). *Estratégia para o desenvolvimento do artesanato contemporâneo na Madeira*. Dissertação de Mestre em Gestão Cultural. Universidade da Madeira. Madeira.
- Luís, S. (2014), *O Papel das Novas Tecnologias na Atração de Candidatos de Elevado Potencial*. Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Gestão Empresarial ISCTE-INDEG, Lisboa.
- Medina, B. (2014). *Produtos e Imagem Turística na sub-região do Médio Tejo*: Proposta de Intervenção Projeto apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural.
- Pires, A. (2000). Especial Alfabeto. *Revista Mãos*. Porto. ISSN 0873-5964. Nº duplo 10/11.
- Perdigão, T. & Calvet, N., (2003). "Tesouros do Artesanato Português - Olaria e Cerâmica", Vol. III Editorial Verbo.
- Rocha, L. & Mendes, A. (2015). "Artes e Ofícios Portugueses – caminhos de inovação". CEARTE, IEFP.
- Santos, J. (2014). "Turismo, Autenticidade e reprodução Serial da Cultura". *Journal of Tourism and Development*, (Revista Turismo & Desenvolvimento), (21/22 (1), 415-422. ISSN 1645.9261.
- Teixeira, A. (1982). "Importância Turística do Artesanato. Serv. Municipais de Cultura e Turismo"; Lisboa: Inst. Port. Do Património Cultural, pp. 169-175, Coimbra.